

São Paulo, cidade feia

Autor: Gabriel Dorfman - professor do Departamento de História da Arquitetura e do Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília

Palavras-chave: paisagens urbanas; análise estética das paisagens urbanas; valor cultural das paisagens urbanas

Resumo

Partindo da "eleição" da cidade de São Paulo como uma das mais feias do mundo, o presente artigo aborda o tema da insensibilidade para com os aspectos estéticos das cidades que se entranhou na cultura brasileira nas últimas décadas, argumentando que essa insensibilidade é sintoma de empobrecimento cultural da nação.

A "indicação" da cidade de São Paulo como a quinta mais feia do mundo, feita recentemente em um conhecido *site* internacional de viagens¹, causou comoção em muitos brasileiros, deixando-os tristes e chocados ao verem mais esse estigma sendo pespegado à imagem do país, em uma época em que tal imagem já se encontra bastante prejudicada por eventos e ações realizadas em vários outros campos da vida nacional. A bem da verdade, não chega a ser uma grande novidade tal qualificação de São Paulo como uma das mais feias cidades do mundo, uma vez que em outros *sites* de viagem ela já vinha merecendo esse triste epíteto²; por que motivo justo agora isso causou maior impacto entre os brasileiros é algo difícil de entender.

Mais importante do que os prejuízos causados à imagem (e à autoimagem) do Brasil e dos brasileiros, no entanto, a "elevação" da mais rica e poderosa cidade do país a lugar de destaque em um *ranking* sombrio como este escancara um fenômeno que, lamentavelmente, vem fazendo-se presente na cultura do país há mais de cinco décadas. Bem mais do que cinco décadas: na verdade, desde os anos 50 do século passado vem ocorrendo um progressivo e cada vez mais acentuado processo de enfeimento geral das cidades brasileiras, processo dentro do qual São Paulo constitui apenas o caso mais extremo, principalmente por sua escala e pelo papel central que essa cidade desempenha na vida do país.

São Paulo é a cidade mais importante e, em termos econômicos, a mais bem-sucedida do Brasil. A mais populosa, a mais rica, reduto da técnica e das indústrias mais avançadas, sede da que é considerada a melhor universidade do país, da vida cultural mais intensa e criativa³. A hipertrofia da importância de São Paulo no cenário brasileiro atual é claro sintoma do desequilíbrio regional que segue sendo um dos mais graves problemas do país - ruim para o próprio país, mas não necessariamente para São Paulo, pois o problema aí reside não na força de São Paulo, mas sim na fraqueza das demais cidades brasileiras, sendo que tentativas de explicar esta (fraqueza) por aquela

¹ "The 20 Ugliest Cities in the world" publicado no *site* "4 travel lovers" -

<https://www.fortraveladvicelovers.com/en/the-20-ugliest-cities-in-the-world>

² Nono lugar entre as 10 mais feias do mundo in *Top 10 Ugliest Cities in the World*, no *site* UCityGuides; uma entre as nove mais feias in *The world's nine ugliest cities that are well worth visiting*, no *site* TRAVELLER, <https://www.traveller.com.au/the-worlds-nine-ugliest-cities-that-are-well-worth-visiting-h14x7j>; uma entre as nove mais feias in *9 ugliest cities in the world* - <https://www.ucityguides.com/cities/10-ugliest-cities-in-the-world.html>

³ Não por acaso, um dos recém-mencionados artigos que denunciam a feiura extrema da grande cidade brasileira é intitulado "As nove cidades mais feias do mundo que merecem ser visitadas".

(força) brotam muito mais do ressentimento do que de uma observação objetiva dos fatos históricos e econômicos.

Dentro de um quadro geral tão positivo, caracterizado pela vitalidade e pela pujança extrema, no entanto, sobressai a igualmente extrema feiura da cidade: quando analisada em seus aspectos formais, São Paulo choca por sua fealdade, ela é um verdadeiro pesadelo urbano.

Aqui se impõe uma indagação: tem sentido analisar uma cidade em seus aspectos estéticos? Tem sentido lançar mão de adjetivos como "bela" e "feia" para qualificar uma paisagem urbana? Paradoxalmente, o próprio *site* que apontou São Paulo como a quinta cidade mais feia do mundo se apressou a, logo no início do artigo em que isso foi feito, solapar a aplicabilidade dessa forma de juízo às cidades. Não por acaso, o *site* tomou o cuidado de colocar o adjetivo entre aspas - "feio", escreveu ele, negando, assim, a pertinência dessa categoria de avaliação na observação das cidades, para, logo em seguida, trazer para dentro do juízo estético variáveis estranhas a ele, variáveis que se referem à eficiência, à justiça (social) e às qualidades que definem um ambiente mais ou menos salubre.

Ou seja: logo após afirmar que São Paulo e outras 19 cidades são FEIAS, o próprio *site* se apressou em negar o aspecto estético desse juízo (aspecto que, de resto, é a essência do adjetivo empregado), para imediatamente dizer que a FEIURA das 20 cidades eleitas como as mais feias do mundo significa, na verdade, que elas são injustas, ineficientes, insalubres e perigosas. O *site* se apressou também em afirmar a impossibilidade de um juízo objetivo sobre a qualidade estética das cidades deixando mais ou menos explícito o velho chavão de que "gosto não se discute", quando o tema em questão é a beleza (ou a feiura) das cidades. Covardemente, portanto, o *site* acabou ancorando o juízo sobre a beleza das cidades em variáveis prático-funcionais, negando, assim, a própria essência do juízo que havia feito.

E aqui cabe uma observação: o recuo do *site* diante da necessidade de confirmar o núcleo estético de uma avaliação que atribui o qualificativo "feia" às cidades não surpreende, já que *sites* de viagens são essencialmente ferramentas de um turismo de massa, construídas para se tornarem muito populares e visitadas, para, a partir daí, ampliar seus rendimentos por meio da publicidade. Seria, portanto, ingênuo esperar que justo em uma empresa dessas houvesse uma atitude crítica em relação à programática insensibilidade perante os aspectos estéticos das cidades que, há mais de dois séculos (desde o início da Revolução Industrial), vem-se difundindo continuamente no mundo "globalizado". Há mais de dois séculos martela-se incessantemente no subconsciente da cultura ocidental a idéia de que cidades são meras ferramentas econômicas, das quais o que se espera e exige é eficiência, praticidade e funcionalidade⁴. Tradicionalmente, por outro lado, costuma ser estranha à personalidade média dos que fundam e administram empresas a disposição para remar contra a maré dos conceitos estabelecidos, o que, no caso aqui em pauta, seria afirmar a necessidade do cultivo de uma sensibilidade especialmente aguçada para com os aspectos estéticos do mundo em geral e das cidades em particular - aspectos estéticos têm muito pouco a revelar e esclarecer aos que, por vocação e dever de ofício, enxergam o mundo como um grande supermercado e/ou um grande *site* de negócios.

⁴ DORFMAN, G. Notícias d'A mais bela capital do Brasil, 2a. edição, 2018

No entanto, e a despeito do covarde recuo conceitual feito pelo *site* diante da responsabilidade de afirmar um juízo estético em relação às cidades: para se sustentar e se fazer valer, o juízo que afirma a fealdade apontada nessas 20 campeãs mundiais tem que estar ancorado predominantemente nas qualidades formais dessas cidades, pouco importando, aí, se essas cidades são ineficazes e/ou socialmente cruéis. E é justamente aqui, por suas qualidades formais, que São Paulo se revela como uma cidade, de fato, extremamente FEIA. A injustiça e a ineficácia de São Paulo brotam diretamente das injustiças estruturais da sociedade brasileira e da incapacidade da economia brasileira de desafogar os gargalos que vêm há décadas impedindo o país de atingir patamares mais elevados de produtividade e eficiência. As diversas formas de poluição ambiental que minam a saúde dos paulistanos há décadas, os crônicos congestionamentos que prejudicam e encarecem todos os serviços de transportes e abastecimento da cidade, enquanto devoram anos de vida de milhões de pessoas presas diuturnamente em seus meios de transporte, a criminalidade crônica e acentuada que mantém os milhões de paulistanos em um permanente estado de sobressalto e paranóia (especialmente os mais pobres, vítimas preferenciais e desassistidas dessa violência endêmica): tudo isso faz de São Paulo uma cidade perigosa, ineficaz e insalubre; mas, feia, São Paulo é porque sua paisagem não passa de uma colagem desconexa de ruas, avenidas, praças e edifícios majoritariamente banais e desprovidos de qualquer valor formal.

Mesmo que se encontrem ali, em meio àquela tenebrosa barafunda de formas desconexas, algumas das mais importantes e belas obras de arquitetura do país, tais jóias se perdem completamente em meio ao gigantesco oceano das banalidades que constituem aquela paisagem urbana. Eis aí a essência da fealdade de São Paulo, o motivo que garante que essa cidade mereça o epíteto mais uma vez confirmado de ser uma das vinte mais feias do mundo.

Há que enfatizar: mais do que na banalidade e na pobreza formal das edificações e dos espaços urbanos tomados isoladamente, é na total desarticulação, na total fragmentação do conjunto que reside a principal causa da fealdade de São Paulo. São Paulo é um todo desconjuntado, onde ruas, praças e edifícios vão sendo implantados e configurados sem qualquer preocupação com a busca de alguma unidade formal, com a busca de alguma costura capaz de dar àquela infinidade de retalhos construtivos e espaciais um mínimo de coerência e, portanto, de sentido. O único sentido possível de abstrair daquela barafunda de formas, dimensões e colisões espaciais é seu funcionamento - mesmo funcionando insatisfatoriamente, a cidade ainda funciona suficientemente bem para seguir desempenhando o papel de "locomotiva do Brasil". Justamente aí, no funcionamento da cidade, está o filão explorado por todos os apologéticos de São Paulo, de sua economia pujante, de sua cultura vibrante, de seus milhares de restaurantes e culinárias regionais, de seus teatros, museus e galerias que não encontram similares em nenhuma outra cidade - nem mesmo na segunda maior cidade do país, que há décadas amarga uma persistente e contínua trajetória declinante, mercê da perda até hoje chorada (porque até hoje não compensada) do antigo papel de capital federal.

Justiça seja feita: em São Paulo, de fato, a vida urbana abunda e transborda em todas as direções possíveis. Nada disso, no entanto, é suficiente para anular algo que a sensibilidade estética medianamente cultivada constata em um rápido passeio pela cidade: observada em seus atributos formais, São Paulo é um pesadelo, tanto nos "Jardins", onde fortunas inimagináveis são despejadas em imóveis de altura, preços e mau gosto estratosféricos, quanto nos mais humildes bairros da periferia, onde se acotovelam os milhões que são obrigados a cotidianamente lutar pela mera sobrevivência.

De volta à comoção de muitos brasileiros face à recém renovada denúncia da feiura de sua grandiosa cidade: se esse fosse apenas um problema localizado, circunscrito a uma única cidade, ele seria um problema de alcance limitado, mesmo tratando-se da cidade mais importante do país. O mais grave na reafirmação dessa denúncia é que ela aponta para uma mazela que assola grande parte das cidades médias e grandes do Brasil, provavelmente a esmagadora maioria delas; isso sim é motivo para tristeza e comoção. A fealdade opressiva de São Paulo é apenas a ponta vistosa de um gigantesco iceberg constituído pelas mais importantes cidades da rede urbana brasileira, e a barafunda formal à qual se aludiu nos parágrafos anteriores é, infelizmente, a marca que predomina na paisagem da esmagadora maioria daquelas cidades - envereda-se aqui pelo comentário de uma das grandes tragédias culturais ocorridas nas últimas seis ou sete décadas, que é justamente a destruição da paisagem das mais importantes cidades do país, sua conversão em todos amorfos e desconjuntados nos quais a verticalização descontrolada das edificações, ao mesmo tempo em que recheia as contas bancárias de seus agentes e do punhado constituído por seus beneficiários diretos, vai condenando milhões de pessoas a despenderem suas vidas em meio a ambientes que são um estímulo cotidiano ao embotamento da sensibilidade para com os atributos formais das paisagens urbanas.

A verticalização acentuada dos ambientes urbanos, ou seja, a multiplicação excessiva e descontrolada de prédios de muitos pavimentos, uns colados aos outros, uns tentando sobrepujar-se aos outros, numa corrida sem fim cujo resultado, além do já mencionado efeito sobre as contas bancárias, é a construção de paisagens grotescas, esmagadoras da escala humana e da sensibilidade estética - cada vez mais, brasileiros vão adotando o hábito de andar em meio às suas cidades de cabeça baixa e olhos semicerrados, num movimento instintivo que visa a proteger seus aparelhos sensoriais da ofensa à qual são cotidianamente submetidos, simplesmente por que não têm como escapar da necessidade de ali se deslocarem, enquanto tratam de realizar suas tarefas e atividades da vida prática.

Retorna-se a indagação já formulada alguns parágrafos atrás: tem sentido avaliar cidades com base em critérios estéticos? Especialmente no Brasil, onde mais de 100 milhões de pessoas vivem sem acesso a redes de esgoto, onde dezenas de milhões são obrigados a buscar água longe de casa, em latas usadas à guisa de baldes, e são obrigados a despender quatro, ou cinco, ou até mais horas diárias em veículos superlotados, é razoável que se perca tempo fazendo menção à fealdade que campeia solta nas cidades grandes, médias, e até mesmo nas pequenas? Com que direito se pode falar nos aspectos estéticos das paisagens urbanas, em um país onde a no mínimo cem milhões de pessoas são negadas as condições de vida que seriam as mínimas exigíveis em qualquer país civilizado? Não será tal atenção para com os aspectos estéticos um sintoma óbvio de elitismo incurável e socialmente alienado, de descompromisso em relação às condições de vida de uma multidão de dezenas de milhões, de desrespeito para com suas reais necessidades?

A resposta a tais perguntas pode se resumir em uma única frase: a fealdade urbana não é instrumento, nem garantia, de justiça social. A prova cabal dessa obviedade está na própria observação das mais importantes cidades brasileiras: sem deixar de ser amargamente injustas e cruéis, elas são de uma fealdade ofensiva. Se a busca da beleza nas paisagens urbanas fosse uma atitude essencial e aprioristicamente injusta, e, por tabela, a resignação perante a fealdade dessas paisagens fosse caminho seguro para proporcionar a muitos a oportunidade de viver em cidades mais humanas e justas, então as cidades brasileiras teriam que ser verdadeiros paraísos de bondade e justiça social. O que as cidades brasileiras demonstram sobejamente é que a fealdade é um dos mais decisivos

componentes de sua crueldade - enquanto se nega a mais de cem milhões de pessoas o acesso a redes de esgoto e água tratada, obrigam-se TODOS, desde os mais humildes até os mais privilegiados⁵, a viver em meio a paisagens opressivamente feias; obrigar TODOS a viver em meio à fealdade opressiva é, entre outras coisas, negar-lhes a possibilidade de cultivar suas sensibilidades e seus espíritos por meio da simples atividade de andar em suas cidades de olhos bem abertos. Enquanto se brada em uníssono a necessidade imperiosa e urgente de garantir a todos o direito à educação, joga-se no lixo a possibilidade de fazer das paisagens urbanas instrumentos de uma educação ao mesmo tempo concreta e difusa.

⁵ Sem perder de vista que estes, diferentemente daqueles, têm, vez por outra, a possibilidade de se evadir dos pesadelos urbanos em que vivem, enfiando-se em seus helicópteros e teco-tecos rumo aos seus sítios, às suas casas à beira mar, ou a alguma cidade do mundo civilizado onde a preocupação com a beleza não seja considerada sintoma de elitismo e falta de consciência social.